

mento e perpetuação da sabedoria, num arco, por assim dizer, que liga Antiguidade clássica, memória bíblica e Idade Média, em obras como as de Ramon Llull, D. Juan Manuel, D. Duarte ou Fernão Lopes. Merece ainda referência o luminoso texto de José Mattoso sobre a sabedoria medieval que, partindo de Harold Bloom e do seu título *Onde está a sabedoria?* (2008), procede à revisitação de Santo Agostinho, Abelardo, Hugo de S. Victor, S. Tomás de Aquino, Anselmo de Cantuária, Bernardo de Claraval, Boaventura de Bagnoregio (chegando, por intermédio deste, a Francisco de Assis) e João Tauler. Da sua análise, Mattoso conclui: “Não é de admirar que tenhamos de (...) procurar [a sabedoria medieval] sobretudo na literatura espiritual” (p. 196). E acrescenta que “a sabedoria medieval mantém-se sempre, portanto, na convicção de que não pode haver verdadeira sabedoria senão em Deus. Propõe-se chegar a ela pela razão ou pelo amor. Os teólogos preferem a razão, mas os monges e os místicos escolhem, é claro, o afeto. Renova-se, assim, o antiquíssimo debate que opõe a filosofia à poesia.” (p. 197).

Neste tempo de desmemória e de encandeamento acríptico face aos fogos-fátuos do presente, este livro reconduz-nos a matrizes essenciais, propondo uma densa releitura crítica das questões enunciadas, além de se impor pelo enfoque plural, pela qualidade científica dos diferentes contributos e pela pertinência da temática, procu-

rando “olhar a decisiva transfiguração do conhecimento em sabedoria”, como é dito na “Nota prévia” (p. 7), a partir quase sempre da ótica comparatista.

Uma última palavra para assinalar o apurado trabalho de coordenação e de edição deste volume.

*José António Gomes*

**UM CERTO PUDOR TARDIO: ENSAIO  
SOBRE “OS POETAS SEM QUALIDADES”  
PEDRO EIRAS**

**Porto, Edições Afrontamento e Instituto  
de Literatura Comparada Margarida Losa  
(FLUP), 2011**

**208 páginas, ISBN 9789723611991**

Como os anteriores livros de Pedro Eiras, mas talvez mais ainda, *Um certo pudor tardio* surge-nos penetrado, saturado de cultura. Quantas referências, nomes, títulos e alusões nestas breves duzentas páginas! Breves porque é tal o charme deste passeio através de múltiplas imagens “bibliofilmofotomusicopictowebgráficas” que o leitor esquece a profusão dos conhecimentos para se entregar inteiramente, com o autor, ao gozo do instante, ao instante do gozo.

Mas como, com tantas coisas lidas, vistas, ouvidas, fazer um livro não apenas legível mas deleitável? É toda a arte de uma composição e ao mesmo tempo o efeito de uma nova (?) filosofia da cultura (e da sua prática), estando esta novidade talvez no centro do questio-

namento sempre retomado ao longo do caminho.

Examinemos primeiro – e principalmente – a construção da obra, onde cerca de quarenta ensaios (dos quais apenas quatro não são inteiramente inéditos) formam, na sua variedade e fragmentação, uma unidade simultaneamente conceitual e estética, onde a coerência e a ressonância dos temas se fortificam à medida que são introduzidos outros acordes (ou, para falar como Baudelaire), outras *correspondências*.

Não há dúvida que o espectro da compilação que persegue qualquer detentor de um saber (sobretudo quando é universitário) se viu conjurado, logo no índice, não apenas pelo sentido estético mas também pelo humor do ensaísta.

Quem não se viu um dia confrontado com a dificuldade, quase sempre inultrapassável, de reunir num conjunto tão atrativo como convincente os seus “filosofemas”, enunciados ao acaso dos colóquios e das conferências, oscilando geralmente o resultado final entre os dois monstros da monotonia e da cacofonia.

Pedro Eiras escapou a Cila e a Carídis, tomando o partido que qualquer surrealista teria escolhido. Primeiro, propondo um título prometedor (piscar de olho a T.S. Eliot?): “Nota para uma redefinição da cultura”, seguido de uma epígrafe desencantada (um dístico de Manuel de Freitas “Dizia que os livros só faziam mal/e talvez tivesse razão”) e de mais nada – como se esta “nota”, tão esperada, fosse ou a obra inteira,

ou o próprio dístico, ou ainda o verso da página deixada em branco, ou finalmente, um mero lapso.

Depois, redigindo um “prefácio” cuja massa desproporcionada (na perspectiva, pelo menos da anatomia crítica) ocupa mais de um quarto do volume, fazendo-se preceder de uma rubrica desenvolta e, academicamente falando, impertinente: “13 tentativas para um prefácio”. Se, no desporto, o atleta tem direito a três tentativas, aqui, nos jogos do espírito, treze parece um número razoável para atingir a verdade (ou para a ter já sempre falhado).

Depois deste prefácio tão (falsamente) insatisfeito de si mesmo quanto rico em sugestões de desenvolvimentos sobre o universo dos nossos signos – culturais e até fiduciários (veja o “diagnóstico do capitalismo”, p. 31) – e da sua crise, seguem-se seis capítulos onde são glosadas e meditadas as “Citações” de sete poetas contemporâneos, bem conhecidos dos leitores de Pedro Eiras (Manuel de Freitas, Ana Paula Inácio, José Miguel Silva, Rui Pires Cabral, Carlos Bessa, Carlos Alberto Machado, Nuno Moura), citações elas próprias reflexões e apontamentos sobre, por ordem, a música de Bach, a pintura de Bacon e de Vermeer, a fotografia de Duane Michals e de alguns anónimos, o cinema (de filmes da série B aos de João César Monteiro, passando por Tarkovsky, Hitchcock, Scorsese, Pedro Costa), e por fim, homenagem ao pai fundador, a poesia urbana de Baudelaire.

Longe de nós a ideia demasiado ambiciosa, senão risível, de resumir em algumas frases uma matéria tão abundante quanto móvel, matéria que é talvez sobretudo uma outra maneira de aprender a matéria cultural, agora devidamente desprovida dos seus atributos – ou qualidades – culturais. É preciso lembrar que Pedro Eiras é um comparatista ao mesmo tempo experimentado e inovador, e que ele está tão à vontade nas artes quanto na metafísica e na ética, sendo a sua atitude fundamental “recusar a contemplação” (turística e alienada) dos objetos e dos valores para uma fruição imediata. Seria arriscado todavia procurar designar a intenção que desse conta da obra: se, dizia Bergson, “on n’est jamais tenu d’écrire un livre”, (sobretudo se ele puder fazer mal), foi provavelmente pensando que o seu faria bem que Pedro Eiras o tornou público.

Ora, esta questão do bem e do belo ou – por outras palavras – do *sentido* é aquela que o autor escolheu para figurar na contracapa. Concentra-a na ideia de “salvação”, assim reatando com uma longa tradição (“o contemporâneo é aquele que responde pela tradição”, p. 59) teológica mas de que a poesia, precisamente desde Baudelaire, se fez herdeira. O que nos levaria a detetar no pensamento de Pedro Eiras uma inspiração bebida ao mesmo tempo em Heráclito e Santo Agostinho, na medida em que é fundamentalmente do tempo (na sua efemeridade) e da graça (sempre vivida como uma “profanação”) que

se trata no colorido dos aspetos da sua rica experiência cultural. Neste sentido, o cerne do livro encontra-se no ensaio intitulado “E os museus onde tudo isto se passa”, situado no centro do volume (pp. 107-108).

O ensinamento (mostrado e escondido) que retiramos da sua leitura – e das suas leituras – é exatamente o mesmo que nos oferecem os seus amigos “os poetas sem qualidades”: como na fenomenologia, o essencial é contactar ou coincidir com o objeto (cultural ou natural) esquecendo todos os museus que o sacralizam. É o preço da salvação no nosso século descrente mas idólatra.

*Cristina Robalo Cordeiro*

**O GÉNERO INTRANQUILO: ANATOMIA DO ENSAIO E DO FRAGMENTO**

**JOÃO BARRENTO**

Lisboa, Assírio & Alvim, 2010

156 páginas, ISBN 9789723714951

**O MUNDO ESTÁ CHEIO DE DEUSES: CRISE E CRÍTICA DO CONTEMPORÂNEO**

**JOÃO BARRENTO**

Lisboa, Assírio & Alvim, 2011

190 páginas, ISBN 9789723715774

Justifica-se amplamente uma abordagem conjunta de ambos os volumes em apreço, já que, apesar das suas diferentes tónicas, ambos dão corpo não apenas a um conjunto de preocupações, mas também a uma estratégia de escrita, e de intervenção pela escrita, a que sub-